

Editorial



No corolário das comemorações do centenário da implantação da República portuguesa, apresentamos neste número uma síntese histórica do que era o território do actual concelho em 1910, então – fruto da reforma administrativa de 1855 – integrado no município de Setúbal e só em 1926 de novo autónomo daquele e restaurado, em resultado da luta da população local. As efemérides têm o mérito de desencadear processos de investigação historiográfica e, este, é um desses casos. O trabalho nesta vertente está, assim, reaberto e iremos prosseguir-lo, certos que a História é fundamental para alicerçar um desenvolvimento sustentável, para além das crises financeiras que nos perturbam, mas não impedem de exercer uma activa Cidadania, na senda dos ideais republicanos da Fraternidade, da Igualdade e da Liberdade.

É, no quadro desses valores, que as **Boas Práticas no Serviço Público** são uma preocupação do nosso município, por exemplo, no terreno multidisciplinar da Educação. Na rubrica “Em destaque...”, deste número, **prestamos contas** do trabalho desenvolvido pelo Museu Municipal junto da Comunidade Educativa no ano lectivo transacto: a reflexão contínua acerca da avaliação das nossas práticas, estamos cientes, além de criar laços de fidelização de públicos, permite-nos melhorar o nosso trabalho com quem nos visita e é o nosso parceiro diário. A exposição Vida e Obra de Rogério Fernandes (1933-2010), insere-se nesta óptica e estará patente até Dezembro: visite-a!

Também com outros públicos – além do escolar – procuramos construir a História do concelho: a continuação das Conversas de Poial sobre o Centro Histórico da vila de Palmela, acerca das quais este boletim apresenta um balanço da realização nos anos 2010-11, e que terá continuidade em 2012, é disso exemplo.

No que concerne à investigação, o município de Palmela – integrado na excepcional cordilheira da Arrábida – está também a desenvolver com os de Setúbal e Sesimbra e uma pluralidade de parceiros locais, regionais e nacionais, sob coordenação da Associação de Municípios da Região de Setúbal, a candidatura da **Arrábida a Património Mundial**. Do trabalho em curso, a nível dos valores do Património Natural e Cultural desta vasta área, damos também conta neste boletim, destacando o Património Imaterial.

Fruto de uma parceria estabelecida entre o nosso município, o Ministério da Cultura de Espanha e a Fundação Pedro Barrié de la Maza, temos patente na Igreja de Santiago do castelo de Palmela, até final de Fevereiro próximo, a exposição «Pórtico Virtual – As chaves do Restauro do pórtico da Glória na catedral de Santiago de Compostela». Esta acção, integrada na Mostra de Espanha 2011, tem para nós particular significado, pois permite aproximar Palmela de Santiago de Compostela e conciliar a perspectiva da historiografia ligada às Ordens Militares, com as disciplinas do Restauro e da Conservação Preventiva de imóveis históricos e com o Turismo Cultural; de referir, que os últimos estudos tendem a comprovar historicamente Palmela como parte do Caminho de Santiago. A recente publicação de três dissertações de mestrado, acerca da Ordem de Santiago em Palmela, constitui igualmente uma aposta do município na relação entre a Memória Local e a Universal das Ordens Militares.

Aproveitamos para vos deixar uma informação acerca deste boletim: desde Maio último que publicamos também uma newsletter distribuída por via electrónica. Porque queremos estar mais perto de si, pode sempre encontrar o **+museu** e a newsletter no sítio do município de Palmela.

Visite-nos on-line, mas não deixe de vi(r)ver o nosso Concelho!

A Presidente da Câmara

Ana Teresa Vicente

Serviço Educativo do Museu presta contas do ano lectivo 2010/11: Avaliação - Ecos de saberes

A essência deste artigo é realçar a importância da avaliação enquanto boa prática (1).

Contudo, seria impossível recolher informação e reflectir sobre o serviço prestado na óptica de uma melhoria que tem de ser contínua, sem o ingrediente principal: o público.

A análise que se segue reflecte a avaliação realizada durante o ano lectivo 2010/11 sobre actividades e desempenho da equipa do Serviço Educativo do Museu Municipal de Palmela (MMP-SE). Porque este Serviço divulga a sua programação e desenvolve a sua acção em sintonia com o ano escolar, este artigo expõe o balanço dos resultados obtidos entre Setembro de 2010 e Julho de 2011.

A avaliação de actividades, praticada após a sua realização, é feita em duas vertentes:

- Públicos (alunos, professores/educadores, visitantes)
- Equipa MMP-SE

Os instrumentos utilizados são questionários (1). Três dirigidos aos alunos: um simplificado para os alunos da educação pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico; um para os alunos do 2º e 3º ciclo; um terceiro para os alunos dos ensinos secundário e universitário. Questionários diferentes são dirigidos aos professores/educadores e outros visitantes.

A equipa MMP-SE utiliza o questionário – Avaliação Técnica – que permite fazer a auto-avaliação da e em equipa afecta a cada actividade.

Todos os questionários estão estruturados para avaliar a actividade (conteúdos abordados, recursos utilizados, espaços e duração) e o desempenho da equipa (linguagem utilizada, criatividade na abordagem, domínio dos conteúdos e nível de

participação permitido ao grupo).

Estão ilustradas as seguintes questões:

- Quem avaliou?
- O que foi avaliado?
- Avaliação: que resultados?

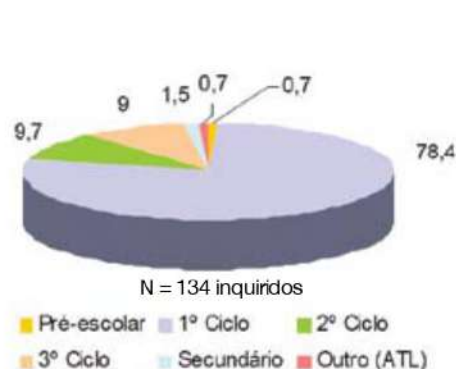
Durante o ano lectivo 2010/11 realizaram-se 73 actividades para um total de 4 598 participantes, sendo 3 867 provenientes do concelho de Palmela e 731 vindos de outros concelhos.

Quem avaliou?

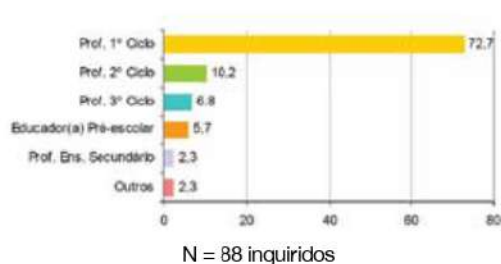
Públicos inquiridos (%)



Alunos segundo a escolaridade (%)



Professores/educadores segundo a função (%)



Visitantes segundo a condição perante o trabalho (%)

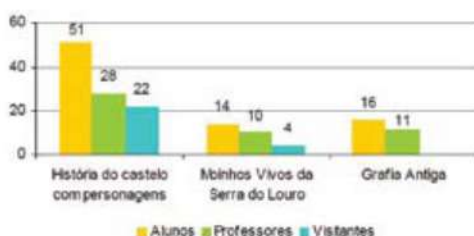


O que foi avaliado?

As acções dinamizadas durante o ano lectivo 2010/11 e a equipa MMP-SE; são ilustradas graficamente as três actividades com maior número de avaliações.

1. A história do castelo contada por ilustres personagens
2. Moinhos Vivos da serra do Louro: extensão museológica
3. Grafia Antiga – oficina de escrita: Museu vai à escola

Actividades segundo o tipo de público



Actividades

Na visita ao Castelo contada por ilustres personagens o que mais agradou aos diferentes tipos de públicos foi a dramatização/personagens. O que

causou maior desagrado foi o facto de não terem visitado a torre de menagem.

Na actividade Moinhos Vivos na serra do Louro, o que mais agradou aos alunos e visitantes foi terem a possibilidade de fazer pão e de verem o moinho; os professores/educadores destacam a participação activa dos alunos na actividade.

O que menos agradou aos alunos foi o facto de terem de ir a pé, e aos professores as visitas realizadas no período da tarde. (2)

Quanto à oficina de escrita Grafia Antiga, os alunos revelaram agrado em utilizar a pena (escrever e desenhar) e aprender qual a origem das tintas. Os professores destacam os recursos utilizados (indumentária/objectos), a abordagem, a criatividade, a componente prática e a participação/interesse dos alunos. Aos alunos o que menos agradou foi a curta duração da actividade.

Aspectos gerais da informação recolhida

Professores/Educadores

A avaliação dos professores situa-se entre o Bom e o Muito Bom em todos os critérios. Sobre a actividade, destacam a aquisição de conhecimentos, a adequação de conteúdos e os recursos utilizados. Quanto ao desempenho da equipa MMP-SE, os professores destacam o nível de participação, a criatividade na abordagem e organização de conteúdos. As razões apresentadas pelos professores para recomendar as actividades centram-se na aquisição, aprofundamento e consolidação de conhecimentos sobre história e património local aliados à componente lúdica.

Outros visitantes

Situada entre o Bom e o Muito Bom, destacam os critérios: profundidade de conteúdos, instalações/espacos e aquisição de conhecimentos. No desempenho da equipa MMP-SE a ordem de preferência dos visitantes vai, em primeiro lugar, para o nível de participação permitido, seguindo-se a criatividade na abordagem e o domínio de conteúdos. A maioria dos visitantes recomenda a actividade, assinalando como principal razão adquirir/aprofundar conhecimentos.

Alunos (Educação pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico)

Os alunos gostam das actividades realizadas e no campo das sugestões indicam a realização

de mais jogos relacionados com a história local/ Portugal, a visita à torre de menagem, serem eles próprios a dramatizar personagens, assim como sugerem a existência de um maior número de personagens.

Alunos (2º/3º ciclos do ensino básico e ensino secundário)

No que concerne à actividade todos os critérios foram avaliados com a classificação Bom e Muito Bom. Destacam: instalações, aquisição de novos conhecimentos e recursos utilizados.

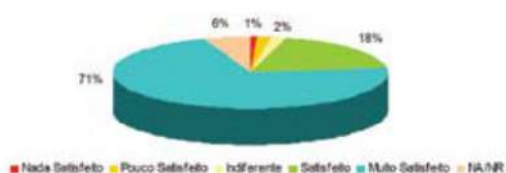
Sobre o desempenho da equipa MMP-SE, o critério com maior avaliação é a criatividade na abordagem, seguido do nível de participação e da capacidade de comunicação. O que mais agradou a estes alunos foi a dramatização das personagens e a aquisição de conhecimentos. Estas são também as razões que apresentam para recomendar a actividade.

No cômputo geral, as sugestões apresentadas estimulam-nos a criar mais jogos, a conceber visitas a outros locais do concelho, a incluir a torre de menagem no percurso de visita ao castelo, e a integrar os alunos nas dramatizações.

Equipa MMP-SE - Apreciação técnica

De uma forma global, importa salientar que os critérios mais frágeis nos anos anteriores, receberam este ano avaliação positiva com a classificação de Muito Bom, nomeadamente na apreciação dos acompanhantes: envolvimento na acção e interesse e motivação revelados no decorrer das actividades.

Satisfação da equipa (%)

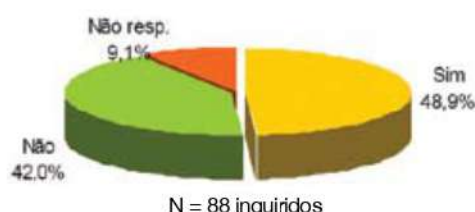


Avaliação: Que resultados?

ACTIVIDADES

Professores/Educadores

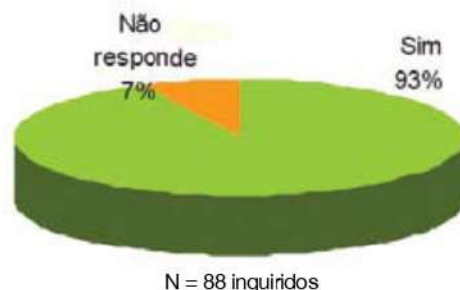
Preparação da actividade com o grupo (%)



Esta informação comprova a avaliação positiva feita pela equipa MMP-SE na apreciação técnica, respectivamente no envolvimento dos acompanhantes no desenvolvimento da actividade.

A maioria prepara a actividade com o grupo antes da sua execução.

Recomendação da actividade (%)

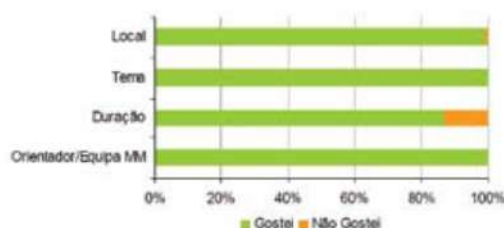


Mais de 90% dos inquiridos recomendam a actividade, justificando que esta contribui para a aquisição, aprofundamento e consolidação de conhecimentos sobre história e património local.

Alunos

Educação pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico

Avaliação da actividade (%)

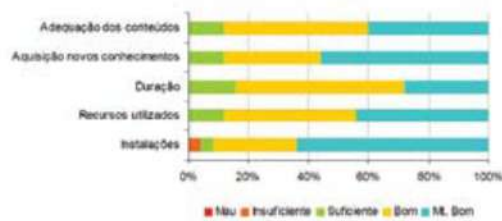


Com esta actividade... (%)



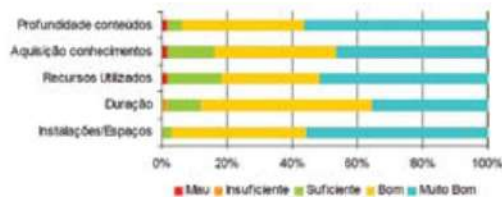
2º/ 3º ciclo do ensino básico

Avaliação da actividade pelos 2º e 3º ciclos (%)



Outros visitantes

Actividade (%)

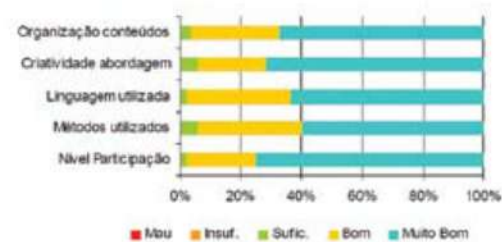


Os visitantes sugerem a realização de mais actividades e maior divulgação.

Desempenho da EQUIPA MMP-SE

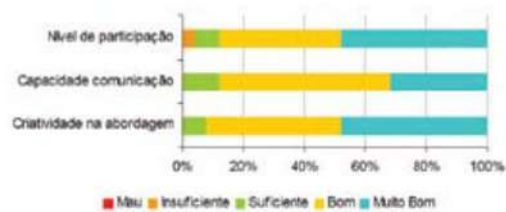
Professores/Educadores

Desempenho da equipa



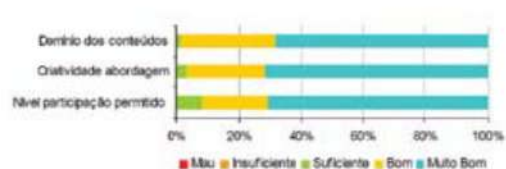
Alunos 2º/3º ciclos do ensino básico e ensino secundário

Avaliação do desempenho da equipa (%)



Outros visitantes

Desempenho da equipa (%)



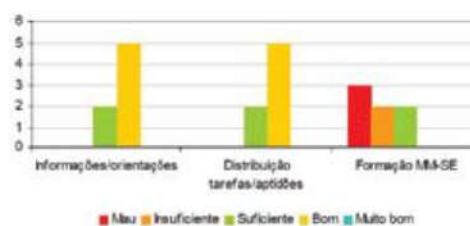
Equipa MMP-SE

Auto-avaliação

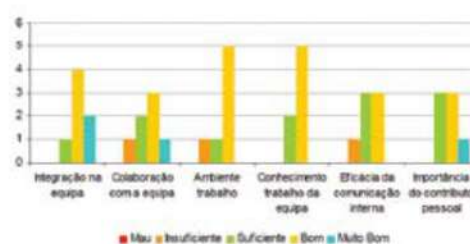
A avaliação da equipa situa-se entre o Suficiente e Muito Bom. Destaque para as fragilidades:

- Adequação na linguagem aos diferentes tipos de público
- Frequência em acções de formação

Desenvolvimento de competências (nº)



Motivação/envolvimento (nº)



Aspectos gerais

No ano lectivo 2010/2011 foram avaliadas pela equipa 19 actividades e foram recolhidos 287 questionários. A percentagem de respostas distribuiu maioritariamente pelos alunos (46,7%), pelos professores (30,7%) e finalmente pelos visitantes (22,6%). Quanto à escolaridade (cf. gráfico 2), confirma-se que mais de 75% dos alunos inquiridos frequentam o 1º ciclo do ensino básico e a restante percentagem (25%) distribui-se pelos restantes ciclos, com predomínio do 2º e 3º ciclo (18,7%). A percentagem de professores é proporcional à dos alunos, o que significa que a maioria lecciona o 1º ciclo (72,7%), seguida dos de 2º e 3º ciclos que perfazem 17% (cf. gráfico 3). Relativamente aos outros visitantes, são maioritariamente reformados (51%) (3).

Reflexo numérico da actuação do MMP-SE em 2010/11

Para um total de 4 598 participantes, sendo 3 867 provenientes do concelho de Palmela e 731 vindos de outros concelhos, as 5 actividades com maior número de participantes foram:

- 1ª História do castelo contada por ilustres personagens - 862 participantes (596 participantes do concelho / 266 participantes de outros concelhos)
- 2ª Extensão Museológica: Espaço Fortuna - 456 participantes
- 3ª Extensão Museológica: Moinhos vivos - 439 participantes
- 4ª Peddy paper no castelo - 430 participantes (142 participantes do concelho/288 de outros concelhos)
- 5ª Jogos populares adaptados à história do castelo (Museu vai à Escola) - 347 participantes

Observação: excluindo o n.º de participantes da visita ao castelo com personagens, que ano após ano continua a liderar, são as extensões museológicas que recebem maior n.º de participantes.

Inquietações

Os estabelecimentos de ensino (1º ciclo do ensino básico) das freguesias rurais do município de Palmela não estabeleceram relação com o Museu. Verifica-se um afastamento deste universo escolar ao património local desde que o MMP-SE interrompeu a metodologia de trabalho por projecto. Será esta a verdadeira razão?

A resposta será encontrada com o vosso contributo. O MMP-SE espera pela vossa voz.

Obrigada pela partilha, pelas sugestões!
Avaliar permite guardar os ecos de saberes!

Pela equipa MMP-SE
Sandra Abreu Silva

Notas

- (1) Tratamento de dados resultante do trabalho da Divisão de Organização e Qualidade.
- (2) *Observação:* os alunos frequentam um jardim-de-infância na vila de Palmela e deslocaram-se a pé devido à impossibilidade da autarquia garantir transporte às crianças que frequentam a educação pré-escolar. Os professores/educadores preferem que as actividades aconteçam no período da manhã porque têm mais apoio por parte das auxiliares.
- (3) A percentagem de Reformados resulta da parceria estabelecida entre o Museu Municipal e a Divisão de Desporto, nomeadamente através do programa **Mexa-se em Palmela**. A maioria do público sénior reside nos grupos +60 das 5 freguesias do município de Palmela.



Património Local

Patrimónios do Centro Histórico de Palmela, lugar de Memórias



Percursos da Água, 16 de Abril de 2011
Pé ante pé, revelam-se estórias que fazem parte da História deste lugar

O projecto “Patrimónios do Centro Histórico de Palmela”, de que demos conta no número anterior deste boletim, enquadra-se no mecanismo financeiro QREN que decorre de 2009 a 2012. Para além das habituais visitas ao CH de Palmela, inseridas no Programa Pedagógico do Serviço Educativo (vide informação detalhada em www.cm-palmela.pt), realizámos visitas subordinadas a diferentes temáticas.

A visita “Pé ante pé, descubro o que a vila é”, criada no âmbito das Jornadas Europeias do Património, em Setembro de 2010, e refeita no dia 28 de Março - data que celebra a importância dos Centros Históricos - e a visita “Percursos da Água” no âmbito da comemoração do Dia Internacional de Monumentos de Sítios, em Abril, foram três iniciativas de referência.

Estas visitas, trilhadas pela memória, percorreram ruas e espaços do Centro Histórico com a presença inesperada de várias personagens que, trajadas à época, complementaram a informação dada pelo orientador, e interagiram directamente com os visitantes.

Para além das visitas, demos continuidade ao Ciclo *Conversas de Poial*. Em Março, no Dia da Árvore,

passéamos pelos Jardins da Memória. Percorremos estes espaços públicos que pontuam o CH, tendo terminado na Casa-Mãe da Rota dos Vinhos que nos recebeu com um moscatel de honra. Na passagem pelo Parque Venâncio Ribeiro da Costa, inaugurado na década 30 do séc. XX, detivemo-nos, pois é um lugar de beleza, onde os diferentes verdes da vegetação se misturam com o lilás das olaias. Foi, durante décadas, ponto de encontro da população da vila que, à medida do passar dos anos, se foi distanciando. Os risos e brincadeiras de outrora deram lugar a um silêncio, ensurdecedor, apenas ultrapassado, de quando em vez, por grupos que conferem outros sons a este espaço. A visita despertou nos participantes a vontade de reabitar o parque. Assim, dada a proximidade no calendário, propuseram recriar a tradicional Segunda-feira das Merendas. Este era o primeiro dia (segunda-feira seguinte ao Domingo de Pascoela) do ano em que os patrões davam a tarde de descanso aos trabalhadores rurais para que durante o Verão, altura em que os dias são quentes e compridos, a jornada de sol a sol não se tornasse demasiado violenta. Porque o trabalho rural deixou de ter a importância de outrora, é provável que

tenha influenciado a diminuição gradual de participantes no dia das Merendas, levando ao seu desaparecimento.

Assim, no dia 2 de Maio, numa iniciativa organizada pela Câmara Municipal, Academia dos Saberes e Confraria Gastronómica de Palmela, cerca de 60 pessoas reuniram-se para celebrar a segunda-feira das Merendas.



Em Abril voltámos a encontrar-nos, desta vez na Igreja da Misericórdia para conversar sobre o Património Religioso. Falámos das procissões que marcavam o calendário litúrgico, dos casamentos, da noite dos Reis, dos cultos...

Em Maio, no âmbito da Noite dos Museus, juntámo-nos na Taberna da Parreirinha. Porque é que este lugar não tem gente?, foi a questão que nos levou a este lugar incomum. Incomum porque é a única taberna que existe na vila – e não podemos esquecer que as tabernas eram, no século passado, importantes locais de sociabilidade; incomum porque não tem o conforto e a decoração a que agora estamos habituados. Mas comum a tantos outros locais que perderam a função, e perderam as gentes que os habitavam.

Em Junho, no Terraço do Mercado contámos com o apoio do Café Santiago para Habitar [com arte] o CH. Vários artistas locais inspiraram-nos com diferentes apontamentos artísticos: ouvimos saxofone, cantámos marchas, vimos teatro e cinema, dançámos, ilustrámos e fizemos artesanato.



Conversas de Poial, 2 de Junho de 2011 no Terraço do Mercado

A 7 de Outubro, com o apoio do Café Serafim, várias gerações falaram de arqueologia em Palmela, assumindo particular destaque o grupo de jovens que ao longo de anos trabalharam em escavações no castelo e na Serra do Louro, tendo mesmo chegado a formar o Grupo de Arqueologia de Palmela e sendo alguns deles, hoje, arqueólogos.



Conversas de Poial, 7 de Outubro de 2011, no Largo do Mercado

Temos novamente encontro marcado para 2012 acerca de “Objectos da nossa Memória”. Esteja atento à data e local! Sem si estas acções não são possíveis!

Teresa Sampaio
Antropóloga
do Museu Municipal

nos bastidores...

Casa Quaresma • Espólio essencial à escrita da História da Cultura da Vinha e do Vinho na Península de Setúbal

Investigações/Aquisição de Espólios

O Arquivo e o Museu Municipais têm, no quadro das suas competências, a responsabilidade de desenvolver investigação que lhes permitam adquirir, em regime de aquisição, depósitos ou empréstimos, patrimónios com relevância histórica.

Desta forma, e em colaboração, foi identificado e inventariado o Espólio da Casa Quaresma, doado à Câmara Municipal de Palmela pelos seus proprietários.

Casa Quaresma

Localizada em Quinta do Anjo, na Avenida Venâncio da Costa Lima n.º 137, a Casa Quaresma é, até à década de 70 do século XX, um dos principais armazéns de comércio de vinho da Península de Setúbal. Produtores e armazenistas, António da Costa Quaresma e José Martins Quaresma (pai e filho) são os principais distribuidores dos vinhos produzidos pela Casa Humberto Cardoso, durante o Estado Novo, uma das mais prósperas empresas do concelho.

Em 1931, a Revista *Portugal Exportador* descreve a Casa Quaresma, com as seguintes palavras: “não foi só atendendo à importância de tão modelar instalação, mas avaliando também



o esforço que António da Costa Quaresma e José Martins Quaresma têm dedicado a tão bela obra (o desenvolvimento da vinicultura), impunha-se uma visita dos nossos redactores, para assim avaliarem e dar ao conhecimento de todos, a grandeza de espírito, o génio comercial destes modestos comerciantes que também nos souberam honrar quando da Exposição de Setúbal, onde obtiveram esplêndidas recompensas.

Esta modelar adega está apetrechada com os mais modernos maquinismos, esmagadores, desengaçadores, assim como filtros do mais recente fabrico, caldeiras, vasilhame, etc. etc.

Tudo isto compõe e dá uma nota de bom gosto, aliada à direcção que António da Costa Quaresma que também tem sabido desempenhar.

Fornecedores de vinho tinto, branco, abafado, aguardente etc. etc.,



eles têm conquistado não só pela sua seriedade, como também pela boa qualidade dos seus produtos, os mercados de Setúbal, Sesimbra e Barreiro. Nos seus formidáveis depósitos em cimento armado passam anualmente milhões de litros deste precioso líquido (riqueza primordial da nossa terra). O movimento extraordinário desta importante firma é sem dúvida um *tour-de-force*, que os honra e engrandece (...).⁽¹⁾

Na década de 80, fruto da recessão no sector, bem como da morte de José Martins da Costa Quaresma - que impõe a partilha pelo conjunto de herdeiros - a empresa esmorece, encerrando a sua actividade nos primeiros anos da década de 90.

Importância Histórica e Patrimonial

A Cultura da Vinha e do Vinho, extraordinariamente importante na História do país, não se encontra,

apesar disso, suficientemente conhecida, ou mesmo estudada. Para este facto concorrem aspectos como a dispersão ou inacessibilidade das fontes. A maior parte das empresas não guarda documentos antigos e os próprios organismos públicos como o IVV - Instituto da Vinha e do Vinho, antiga Junta Nacional do Vinho, não desenvolveu ainda um plano de preservação e disponibilização do seu insubstituível espólio.

Durante o Estado Novo, altura em que o sector vitivinícola é particularmente protegido, ocorrem, nas palavras de Fernando Rosas "transformações invisíveis", que a ausência de investigação, nomeadamente regional, ainda não deixa ver.

Tais factos mostram a relevância do espólio da Casa Quaresma.

É constituído por documentos de gestão, recibos e correspondência, nomeadamente com o Grémio da Lavoura de Palmela,

o Grémio dos Armazenistas de Vinhos, a Região do Moscatel de Setúbal e a Junta Nacional do Vinho. Integrámos também objectos de adega e laboratório.

Trata-se de um espólio singular e essencial à escrita da História da Cultura da Vinha e do Vinho na Península de Setúbal, cuja salvaguarda, estudo e divulgação muito beneficiará o entendimento e valorização do território local e regional e, em particular, o próprio sector vitivinícola.

Ângela Camolas
Técnica Superior
do Arquivo Municipal
Cristina Prata
Técnica Superior
do Museu Municipal

(1) *Portugal Exportador, Revista Comercial Industrial e Turística*, Ano I, 1931, p. 38-9

em investigação...

O misticismo, a religiosidade e a problematização em torno do topónimo **Arrábida**

“(...) O que não há em toda a parte é a religiosidade que dá à Serra da Arrábida elevação e sentido. (...) Mas é fora de dúvida que o visitante, se não o aprendeu, saiu da Arrábida sem sequer ter entrado nela verdadeiramente!”

Sebastião da Gama



Serra da Arrábida

Numa tentativa de abordar a questão em torno da misticidade do topónimo da Arrábida de Setúbal é importante que se clarifiquem os conceitos das realidades que lhe estão associadas. O topónimo Arrábida deriva da palavra rábita, de raiz árabe r-b-t, com significado geral do que ata, vincula, reforça, sendo o seu plural *rawábit*. A esta deve-se associar o *ribāt*, que deriva da mesma raiz, significando estar atado, estabelecer-se num lugar, ocupar posições e que, do ponto de vista arquitectónico poderá corresponder a um espaço fortificado – “convento fortificado para guardar fronteira” (MACHADO, 1991:76), que teria uma função religiosa associada ao conceito de *Yihād* (Guerra Santa ou o “esforço virtuoso no caminho de Deus”) –, a um posto de troca de cavalos, uma venda de caminho (geralmente fortificada) (NUNES, 2004).

As rábitas são normalmente associadas a mosteiros-fortaleza ou pequenos espaços fortificados (onde viviam os morábitos - monges piedosos) e podem também ser entendidas, apenas como uma pequena mesquita/cela, considerando o caso dos grafitos de algumas paredes dos pequenos compartimentos de Dunas de Guardamar, uma das mais bem conservadas rábitas do Garb al-Ándalus, onde se podia ler “*entrou nesta rábita...*”, o que no entender de Mikel de Epalza constitui uma referência directa às pequenas mesquitas/celas, não encontrando outros argumentos que validem que ao conjunto de todas as pequenas celas se designasse rábita (EPALZA, 1994). Neste sentido, pode-se admitir que a *Al-munastir* corresponda a designação do conjunto de pequenas rábita/s, pelo menos numa primeira fase e que a partir de meados do séc. XI, os topónimos que

evidenciam derivações directas de rábita aparecem associados a estes mosteiros-fortaleza, que funcionariam como local de retiro espiritual, com celas ou pequenas mesquitas, onde os piedosos muçulmanos, que ali se recolhiam, além do aperfeiçoamento espiritual, mantinham o dever de alerta ou de rebate (*ribât*), que em caso de ataques marítimos e terrestres poderiam integrar as expedições militares contra os inimigos (CATARINO, 2000).

Essencialmente, estas instituições acabam por congregar a actividade militar a formas concretas de experiência ascética e mística. O *ribât* pode considerar-se como a prática da religiosidade, enquanto a rábita se assume como local onde esta se pratica. No entanto, todas as práticas ligadas ao *ribât* tentam fazer do *murabitum* “um crente de verdade”, concentrando-se em atingir a perfeição pessoal e religiosa.

A relação entre *rábita* e o topónimo *záwiya* parece atingir maior significado durante a convivência com o reino Nazarí de Granada, nos sécs. XIII-XIV, em que as *záwiyas* (Azóias), situadas normalmente, junto à orla costeira ou grandes vias de comunicação, de que é exemplo, a Azóia do Cabo Espichel (Sesimbra), traduzem um conceito de “retiro espiritual”, correspondendo a uma espécie de pequenas ermidas onde ascetas e sufis procuravam atingir a tão desejada perfeição espiritual, funcionando ainda como ponto de acolhimento de peregrinos, além de constituir mais um local de alerta em situação de ataques externos. A maioria destas instituições parece ter-se desenvolvido junto da

tumba (*al-qubbâ*) de um morábito santificado (NUNES, 2004).

O facto do topónimo Arrábida se conservar e localizar sobre um ponto estratégico junto à costa e a vias de comunicação importantes, na orla da cidade de Lisboa e de Alcácer do Sal, confere-lhe uma vantagem na vigilância da costa entre o Tejo e o Sado que devemos ter em conta.

A cordilheira da Arrábida define uma área territorial entre Palmela até ao Cabo Espichel (Sesimbra) e para sul, até à foz do Sado. Os castelos (*husun*) de Coia-a-Velha, Palmela e Sesimbra foram importantes fortificações islâmicas, seguramente apoiados por uma rede de povoamento rural e pontos de defesa (*ribât/rábita* e torres-atalaia), com particular relevância, durante os sécs. XI-XIII e, que seriam fulcrais para a estratégia de defesa e vigilância territorial, que em caso de necessidade davam o sinal de rebate ou comunicavam por sinalização luminosa (fogo) para transmitirem mensagens a longa distância, num curto período de tempo.

A primeira referência à Serra da Arrábida surge no séc. X, pelo geógrafo Al-Razi (FERNANDES, 2004:48) indicando que “*No limite das regiões de Beja e Lisboa estão as montanhas chamadas Monte dos Banu Benamocer e que os habitantes denominavam de Arrábida (al-Rábita)*”. Embora se desconheça a localização de uma rábita, a Serra da Arrábida é por muitos conotada como um espaço que convida ao retiro espiritual e à reflexão em harmonia com a natureza.

A Arrábida reconhecida por todos

como um local místico e de conotação religiosa, encerra uma vasta ocupação humana desde a pré-história. A primeira evidência da sacralidade deste espaço é documentada por uma pequena estatueta da Deusa-Mãe do Paleolítico Superior, recolhida na Toca do Pai Tomás, em Albarquel (SANTOS, 1980-81). Durante o período romano, segundo as fontes escritas, terão existido alguns locais de culto, havendo referências a um templo dedicado a Neptuno, na zona do Outão (antigo “promontório de Neptuno”), segundo a tradição também no Monte Fornosinho, junto ao Convento da Arrábida, existiriam ruínas de um outro templo dedicado a Apolo (AZEVEDO, 1896) e na serra de S. Luís, uma pequena edícula romana (SILVA e SOARES, 1986: 198-199).

É expressivo o património arqueológico identificado na Arrábida com este cariz místico, simbólico, religioso e sagrado, tais como: as Grutas Artificiais de Quinta do Anjo (Palmela), monumento funerário datável do Neolítico Final – Calcolítico; o monumento funerário da Roça do Casal do Meio (Sesimbra), enquadrável na Idade do Bronze; a alcaria do Alto da Queimada (Palmela), povoado rural, onde recentemente foi identificada, uma mesquita do séc. X-XI, na qual se exumaram fragmentos de duas escáculas epigráficas do séc. X e alguns rolinhos de chumbo associados à edificação dos muros da mesquita.

Seguindo a tradição de culto de época romana é credível que tenha sido erguido um convento muçulmano (*rábita*), que segundo Helena Catarino (CATARINO,



A Alcaria do Alto da Queimada

2000) seria apoiado por fortalezas (*ribāt*) e pequenos locais de culto. Admitindo esta hipótese como ponto orientador e recorrendo aos diversos achados islâmicos identificados nas grutas de Sesimbra, como no caso da Lapa do Fumo, onde apareceram algumas moedas árabes e algumas cerâmicas que pelas suas características formais e decorativas podem remontar ao séc. X, com uma dinâmica ocupacional que parece terminar no séc. XII, considerando o conjunto de moedas e os fragmentos de bilhas que lhe são contemporâneas (CARVALHO e FERNANDES, 1996: 21-23). Também as grutas da Lapa do Solitário, da Lapa de Santa Margarida, da Lapa do Cavalo e da Lapa do Médico, poderão ter sido ocupadas pelos piedosos e voluntariosos como Emitérios, dando sentido à prática do *ribāt* eremítico, de que se começa a ter conhecimento, a partir do séc. XI, através dos livros de *Tabaqāt*. Estes seriam locais ideais para a prática religiosa e de reflexão, onde o solitário morábito se abstém do contacto com o mundo exterior, realidade esta que parece ganhar maior expressão com a descoberta de uma peque-

na placa de madeira com escrita cúfica, atribuída ao séc. XII (Gruta 4 de Maio, na Serra da Azóia – Sesimbra) (CALADO; GONÇALVES; FRANCISCO; ALVIM; ROCHA e FERNANDES, 2009).

Nos sécs. XII-XIII, intensifica-se a intolerância em relação aos moçárabes o que poderá ter incentivado o abandono de alguns conventos cristãos no sul do Garb. Neste contexto há que ter em conta o crescente “fanatismo” dos cruzados que integram os exércitos cristãos para resposta ao crescente misticismo islâmico. Contudo, em 1158, após a tomada de Alcácer do Sal, D. Afonso Henriques deixa na posse dos muçulmanos a região da Península da Arrábida.

Dos vários conventos localizados ao longo da serra, refira-se com particular relevância o Convento da Arrábida que poderá ter ocultado vestígios anteriores, a julgar pela sua excelente localização e por alguns indícios sugestivos, como a designação do Terreiro das Mesquitas, a indicação do Largo do Poço, local que poderá ter sido utilizado para a prática das

abluições. No entanto, sem que se possa efectivamente, estabelecer uma ligação a um suposto passado islâmico, podemos extrapolar e admitir uma possível perduração do espaço sagrado de origem muçulmana e depois, cristã.

Após a *Reconquista* a Serra da Arrábida consagra-se como lugar sagrado para os Cristãos, como nos conta a lenda do mercador Hildebrandt, que terá naufragado na praia de Alportuche, no séc. XIII e que diz o seguinte: durante uma tempestade, o mercador, terá avistado uma luz no cimo da serra, dirigindo-se ao local encontrou a imagem de Nossa Senhora, que desaparecera entretanto do barco em que viajava. Em agradecimento à virgem por o ter salvo, construiu uma ermida e casa (podendo ter recuperado edifícios anteriores), tornou-se eremita e fundou uma congregação religiosa. No séc. XVI, com a elevada confluência de peregrinos, construíram-se novas dependências e o convento passa para a ordem franciscana.

O Cabo do Espichel, de evocação à Nossa Senhora do Cabo, sendo para os romanos o cabo *Barbarium* (Estrabão), assume uma peculiar e ancestral tradição religiosa, com a presença do Santuário religioso de época moderna, que hoje ocupa aquele espaço. Não obstante, a presença junto ao precipício, da Capela da Memória, revela-nos uma inspiração arquitectónica que nos lembra projecções semelhantes de período islâmico.

No lugar reconhecido por Orlando Ribeiro como um “*Planalto desbrigado, varrido por ventos de to-*



Convento da Arrábida

dos os quadrantes, sendo especialmente impetuosos os de Norte e Oeste" (RIBEIRO, 1986) existem referências a uma festa religiosa e à romaria à Senhora do cabo, desde 1366.

Na região da Arrábida são vários os cultos e tradições religiosas pautados pela presença de várias capelas e ermidas de evocação católica, como a Capela da Escudeira, Capela de S. Luís o Velho, Capela do Alto da Nossa Senhora das Necessidades todas elas com festividades próprias, imprescindíveis para a sobrevivência das tradições e das vivências locais.

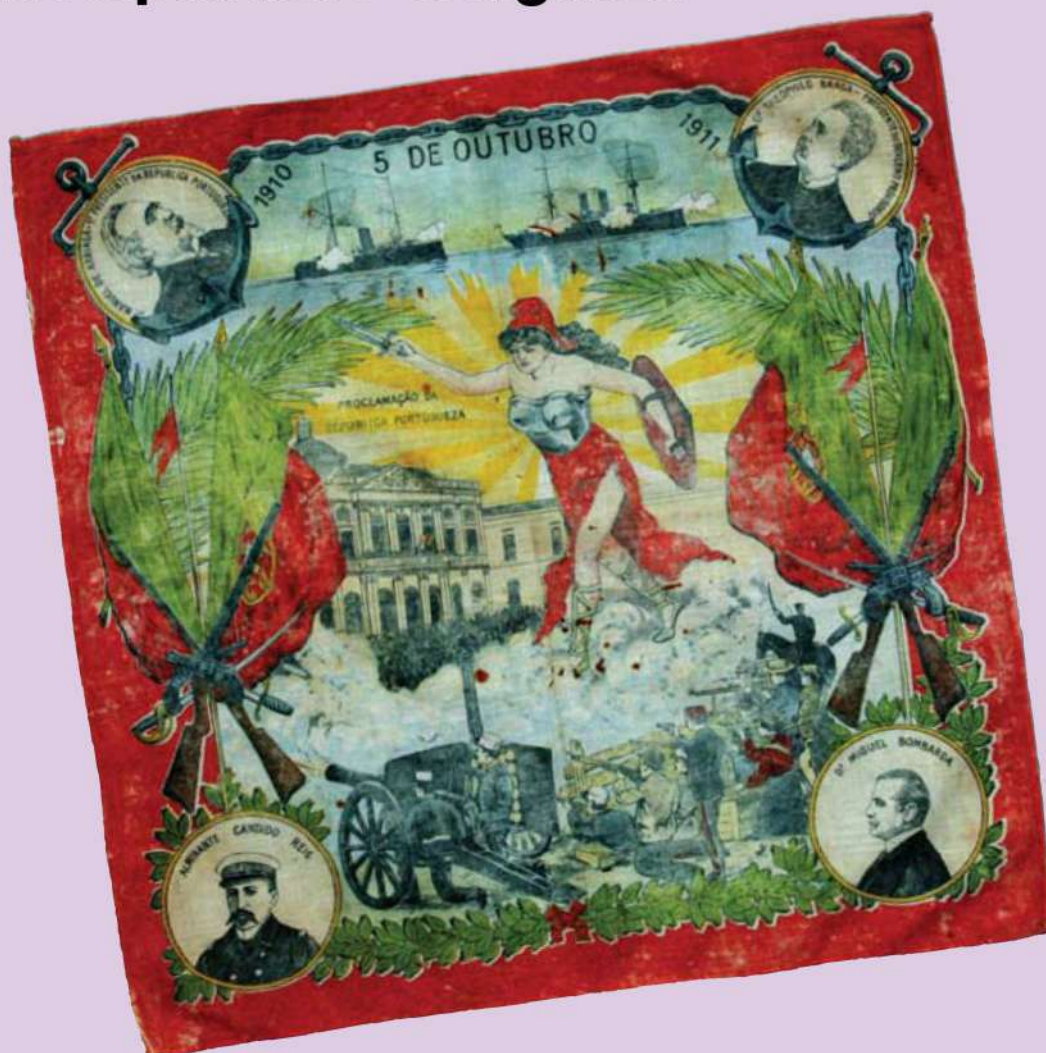
Bibliografia

- . AZEVEDO, Pedro A. (1896a) – "Informações Archeológicas colhidas no "Dicionário Geográfico" de Cardoso". *O Archeologo Português*, Vol. II, n.º 7, Lisboa, pp. 163-164.
- . CALADO, M. et alii (2009) – *O Tempo do Risco. Carta Arqueológica de Sesimbra*. Câmara Municipal de Sesimbra.
- . CARVALHO, A. Rafael e FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (1996) – "Algumas Cerâmicas Muçulmanas da Lapa do Fumo (Sesimbra)". *Sesimbra Cultural*, n.º 5, pp. 21-23.
- . CATARINO, Helena (2000) – "Topónimos Arrábida e a Serra da Arrábida". *Sesimbra Cultural*, 1, Câmara Municipal de Sesimbra, pp. 5-17.
- . EPALZA, Mikel de (1994b) – "La Rábita Islâmica: História Institucional". *La rábita islâmica: história institucional i altres estudis regionals, Sant Carles de la Rábita*, pp. 61-107.
- . FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (2004) – "O Castelo de Palmela. Do Islâmico ao Cristão". Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, Lisboa, p.48.
- . MACHADO, José Pedro (1991) – "Vocabulário português de origem árabe". Coleção linguística, Editorial Notícias, Lisboa.
- . MARQUES, Luís (2007) – "O paraíso no "fim do mundo". O culto de Nossa Senhora do Cabo". Sextante Editora, Lisboa.
- . NUNES, João (2004) – *A Rábita da Arrábida de Setúbal. A problemática da sua localização/tipologia*. Trabalho final de Curso de História Variante de Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiado).
- . SANTOS, Manuel Farinha dos (1980-81) – "Estatueta Paleolítica descoberta em Setúbal (Notícia Preliminar)". *Setúbal arqueológica*, Vol. VI-VII, Assembleia Distrital de Setúbal, Setúbal, pp. 29-37.
- . SILVA, Carlos Tavares da e SOARES, Joaquina (1986) – *Arqueologia da Arrábida*. Coleção parques naturais, n.º5, Serviço Nacional de Parques, reservas e Conservação Natural, Lisboa, pp. 198-199.
- . RIBEIRO, Orlando (1935) – *A Arrábida. Esboço Geográfico*. Câmara Municipal Sesimbra

Michelle Teixeira Santos
Arqueóloga, Câmara Municipal de Palmela

património concelhio em Documentos

Lenço comemorativo do 1º aniversário da “Proclamação da República Portuguesa”



O Arquivo Municipal de Palmela (AMP) apresenta o lenço comemorativo do primeiro aniversário da “Proclamação da República Portuguesa” datado de 5 de Outubro de 1911, o qual encerra uma enorme riqueza simbólica da iconografia republicana. Originalmente foi pertença de Francisco Cardoso (1892 – 1979), munícipe de Palmela, tendo sido legado ao seu afillhado José Rodrigues Ferreira que cedeu a imagem ao AMP, para que se conserve esta informação como testemunho de uma época. As efígies de Manuel de Arriaga, Teófilo Braga, Almirante Cândido dos Reis e Miguel Bombarda enquadram a da República, de barrete frígio inspirada

na imagem da obra *A Liberdade guiando o Povo*, pintada em 1830 por Eugène Delacroix.

Manuel de Arriaga, primeiro Presidente da República Portuguesa eleito a 24 de Agosto de 1911, ocupou o cargo até Janeiro de 1915, altura em que foi destituído pelo golpe militar de Pimenta de Castro. Defendia um programa republicano de carácter federalista, nacionalista e interclassista.

Teófilo Braga assumiu a Presidência da República em Outubro de 1910, logo a seguir à Revolução, num momento político particularmente difícil. Voltou a assumir o cargo de Presidente entre Maio e Agosto de 1915. Desde muito cedo defendeu a

escola positivista em Portugal e participou activamente na organização do Centenário de Camões em 1880; militante do Partido Republicano, anticlericalista convicto, defendia ideias descentralizadoras e federalistas.

O Almirante Cândido dos Reis foi um elemento destacado da Carbonária e da ideologia anticlerical. No dia 3 de Outubro, na sequência do assassinato do Prof. Miguel Bombarda, foi a determinação de Cândido dos Reis que fez vencer as hesitações de alguns oficiais. No entanto, na madrugada de 4 de Outubro, dadas as informações contraditórias e o anúncio de que a revolução republicana havia falhado, ter-se-á suicidado na Travessa das Freiras em Arroios.

Miguel Bombarda foi médico psiquiatra, político republicano convicto e um acérrimo anticlerical. Foi assassinado no dia 3 de Outubro por um dos seus doentes, em Rilhafoles, poucas horas antes da Revolução deflagrar. Este acontecimento gerou manifestações de indignação popular e quase comprometeu o sucesso da Revolução.

Em cima encontram-se as imagens dos dois navios sublevados “Adamastor” e “São Rafael”, os cruzadores ancorados no Tejo, decisivos na acção

com o bombardeamento dos Ministérios do Terreiro do Paço e do Palácio das Necessidades, onde se encontrava refugiado D. Manuel II.

Ao centro, a imagem da Proclamação da República na manhã de 5 de Outubro, na varanda da Câmara Municipal de Lisboa, por José Relvas, membro do Directório do Partido Republicano, eleito no Congresso do Partido Republicano em Setúbal, em Abril de 1909, ao qual foi incumbida a tarefa de preparar a Revolução Republicana.

Em baixo temos a imagem da barricada da Rotunda da Avenida, onde Machado dos Santos resistiu com cerca de 400 homens dos Regimentos de Artilharia 1, de Infantaria 16 e grande número de populares que garantiram a vitória da Revolução. De referir a presença da “heroína da Rotunda” Amélia Santos, visível de camisa vermelha. A presença de uma mulher entre os revolucionários, num espaço de confronto bélico tradicionalmente reservado aos homens, constituiu um exemplo de coragem e emancipação para outras mulheres que mais tarde também se destacaram na luta pela Liberdade.

A equipa do Arquivo Municipal de Palmela



a não esquecer...

Exposições para visitar, Projecto para participar



Exposição *Vida e Obra de ROGÉRIO FERNANDES, 1933-2010.*

Questionar a sociedade, interrogar a história, (re)pensar a Educação.

12 de Outubro a 15 de Dezembro 2011

Horário: de 2ª a 6ª feira entre as 09h00 e as 19h00

Cine -Teatro S. João

Entrada livre

Marcação de visitas orientadas:
patrimonio.cultural@cm-palmela.pt
ou telf: 212 336 640

Org.: Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias/ Fundação Calouste Gulbenkian
Apoio: Câmara Municipal de Palmela



Exposição **PÓRTICO VIRTUAL** - As chaves do restauro do Pórtico da Glória na Catedral de Santiago de Compostela

18 de Novembro de 2011

a 28 de Fevereiro de 2012

Horário: de 3ª feira a Domingo, das 10h00 às 12h30 e das 14h00 às 18h00

Igreja de Santiago – Castelo de Palmela
Entrada livre

Marcação de visitas orientadas:
patrimonio.cultural@cm-palmela.pt
ou telf: 212 336 640

Produção: Fundación Pedro Barrié

Organização: Fundación Pedro Barrié, Ministério da Cultura de Espanha e Câmara Municipal de Palmela

Iniciativa integrada na MOSTRA ESPANHA 2011, do Ministério da Cultura de Espanha www.mostraespanha.mcu.es

Programa da inauguração:

17h00 - Realização de duas conferências na Igreja de Santiago, sobre a Catedral de Santiago e sobre o Caminho de Santiago
Oradores: Francisco Prado Vilar e José António Falcão.

18h30 - Inauguração da exposição

19h00 - Concerto na Igreja de Santiago, com réplicas de instrumentos medievais: Os Sons do Pórtico da Glória, Grupo Martín Códax

19h45 - Visita à exposição

Exposição **Quadros da Guerra. 1915**



Em 2011, cumprem-se os 95 anos da efeméride de 9 de Março de 1916, a declaração de guerra por parte da Alemanha, que representou a entrada formal de Portugal na Grande Guerra. No Arquivo Municipal foram integrados quatro cartazes de propaganda militar, gentilmente cedidos pelo Eng.º Carlos Taleço, com referências aos eventos militares ocorridos durante a Grande Guerra entre Agosto de 1914 e Março de 1915, com a designação de "Quadros da Guerra", nos quais a riqueza iconográfica e as referências históricas e militares nos merecem um olhar atento e interessado.

A participação de Portugal na Guerra representou um enorme esforço por parte do Estado e do povo que enviou a sua juventude para os campos de guerra, onde a morte constituía uma presença permanente e os horrores da guerra mutilavam e destruíam uma geração que hoje se encontra quase esquecida.

Em 1915 mais de 85% da população do Concelho de Palmela era analfabeta, uma taxa superior em dez pontos à da média nacional. Na ausência da rádio ou televisão, a difusão das mensagens de propaganda era feita por meio de cartazes, profusamente ilustrados, ilustrações com pequenas legendas elucidativas, dirigidas para um público iletrado, a quem fosse possível esclarecer sumariamente os conteúdos das imagens com a leitura das respectivas legendas.

A difusão destes "Quadros de Guerra", elementos de propaganda a favor das forças aliadas, com data inferida de 1915, procuravam preparar o necessário apoio ou pelo menos o suporte da população portuguesa àquele que viria a ser o grande contributo e esforço de guerra a partir de 30 de Janeiro de 1917, data da partida para França da 1ª Brigada do Corpo Expedicionário Português, sob o comando do coronel Gomes da Costa.

Uma palavra de especial agradecimento ao colecionador António José Isaías pela gentil cedência para exposição de um vasto conjunto de equipamentos militares que pertenceram aos exércitos beligerantes da Primeira Grande Guerra.

A exposição esteve já patente nas Bibliotecas de Palmela e de Pinhal Novo em Outubro, e estará no Centro de Recursos para a Juventude de Quinta do Anjo em Novembro e no Centro Cultural do Poceirão em Dezembro de 2011.

Projecto "Uma Imagem, Mil Memórias"



O Arquivo Municipal de Palmela pretende recolher património fotográfico do concelho, objectivo para o qual é indispensável a colaboração da população e do Movimento Associativo em torno do Projecto "Uma Imagem, Mil Memórias", emprestando as suas fotografias para digitalização, tratamento e divulgação.

As temáticas pretendidas são variadas: actividades culturais, desportivas, políticas, profissionais, religiosas; cenas da vida familiar, património edificado, vida militar; outras de particular interesse.

O projecto contempla a realização de uma exposição de fotografia antiga, que irá circular por todo o concelho, divulgando as imagens que forem sendo recolhidas.

Contribua e participe. Não deixe que a memória se apague!

Para mais informações e entrega de fotografias:

Arquivo Municipal de Palmela: Rua Heliodoro Salgado, n.º 8,
2950-241 Palmela. Telf.: 212 336 613 | Fax: 212 336 614
e-mail: geral@cm-palmela.pt

sites a consultar acerca do Património Republicano Português



**Portal Oficial da Comissão Nacional do Centenário
da Implantação da República**
<http://centenariorepublica.pt/>



**Comemorações do Centenário da República
– Associação Nacional dos Municípios Portugueses**
http://www.anmp.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=329&Itemid=125



Almanaque Republicano
<http://arepublicano.blogspot.com/>



Os Fados da República
http://www.fmsoares.pt/enfim_a_republica/fados.php

CADA NÚMERO, UM JOGO...

A Moura Encantada

Diz a lenda, que o castelo tem uma moura encantada que entoia belos cânticos em dias de nevoeiro. Escondida e a guardar um tesouro, continua com esperança de um dia ser libertada desse encantamento.

Descobre na sopa de letras onde se esconde a moura encantada do castelo de Palmela.

Uma pista: os ecos dos visitantes alegram os seus dias.



Q	A	Z	U	L	E	R	T	Y	O
T	Ç	E	Q	S	D	X	P	L	P
O	W	A	Ç	Ú	C	A	R	Ç	H
R	N	L	O	H	L	P	D	A	F
R	P	C	W	I	G	K	Z	Y	D
L	C	I	S	T	E	R	N	A	C
J	Q	Ç	Ê	A	T	A	E	Ç	E

edições em destaque

Fundos documentais especializados
para consulta pública em Palmela

GEsOS



RAMOS, Maria Regina Soares
Bronze – **As igrejas de Palmela nas Visitações do séc. XVI. Rituais e manifestações de culto**, “Colecção Ordens Militares, 4”, Palmela: Câmara Municipal, 2011

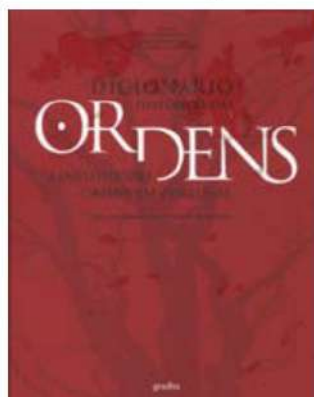


LUCAS, Isabel Maria Guerreiro M. Oleiro – **As Ermidas da Ordem de Santiago nas Visitações de Palmela do séc. XVI**, “Colecção Ordens Militares, 5”, Palmela: Câmara Municipal, 2011



ALVES, Cristina Vinagre – **A propriedade da Ordem de Santiago em Palmela. As Visitações de 1510 e 1534**, “Colecção Ordens Militares, 6”, Palmela: Câmara Municipal, 2011

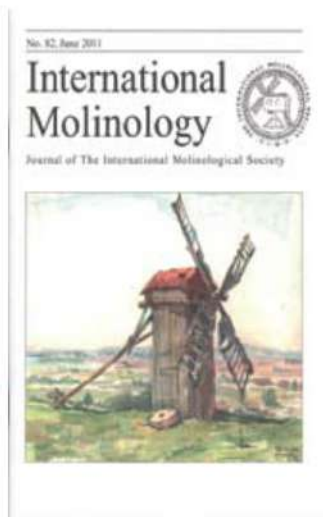
Museu Municipal



FRANCO, José Eduardo;
MOURÃO, José Augusto;
GOMES, Ana Cristina da Costa (d direcção)
- **Dicionário Histórico das Ordens e Instituições afins em Portugal**, s/l: Gradiva, 2010



ABREU, Luís Machado;
FRANCO, José Eduardo (coords.)
- **Ordens e Congregações religiosas no contexto da I República**, s/l: Gradiva, 2010



Journal of The International Molinological Society – TIMS, nº 82, Junho 2011

+mmuseu

SUMÁRIO

- 1 **Editorial**
- 2 **Em destaque...** Serviço Educativo do Museu presta contas do ano lectivo 2010/11: Avaliação - Ecos de saberes
- 7 **Património Local...** Patrimónios do Centro Histórico de Palmela, lugar de Memórias
- 9 **Nos Bastidores...** Casa Quaresma - Espólio essencial à escrita da História da Cultura da Vinha e do Vinho na Península de Setúbal
- 11 **Em investigação...** O misticismo, a religiosidade e a problematização em torno do topónimo Arrábida
- 15 **Património Concelhio em documentos...** Lenço comemorativo do 1º aniversário da "Proclamação da República Portuguesa"
- 17 **A não esquecer...** Exposições para visitar, Projecto para participar
- 18 **Sites a consultar...** acerca do Património Republicano Português
- 18 **Cada número, um jogo...** A Moura Encantada
- 19 **Edições em destaque...** no GEsOS e no Museu Municipal - fundos documentais para consulta pública em Palmela

Contactos:

Divisão de Património Cultural - Museu Municipal
Departamento de Cultura e Desporto da Câmara Municipal de Palmela
Largo do Município
2951-505 PALMELA

Tel.: 212 336 640

Fax: 212 336 641

E-mail: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

Ficha Técnica

Edição: Câmara Municipal de Palmela

Coordenação Editorial: Chefia da Divisão de Património Cultural/Museu Municipal

Colaboram neste número: Ângela Camolas (Arquivo Municipal), Cristina Prata, Michelle Santos, Nuno Neto Monteiro (Arquivo Municipal), Sandra Abreu Silva, Sónia Ramos (Divisão de Organização e Qualidade), Teresa Sampaio.

Agradecimento: Horácio Pena e Carlos Mouro (Câmara Municipal de Setúbal)

Design: PCB, Comunicação Visual

Fotografia: Paulo Nobre, Museu Municipal

Impressão: Tipografia Belgráfica

Código de Edição: 529/11 - 2 000 exemplares

ISBN: 927-8497-27-X

Depósito Legal: 196394/03

Faz parte integrante deste número uma separata intitulada **Palmela no período Republicano (1890-1926)**, resultante de investigação realizada por Cristina Prata.